

IMAGEM DO BRASIL

Sandra Kretli da Silva

Nathan Moretto Guzzo Fernandes

Marcha à Ré¹: segue ou interrompe o fluxo?



Imagem 1 – Carros de funerária na Avenida Paulista

Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/08/carreata-em-marcha-a-re-une-arte-e-protesto-contra-bolsonaro-na-paulista.shtml> (2020).

Avenida Paulista. Em frente ao MASP e FIESP. Fim de mais um dia de trabalho em um tempo que transcorre em meio a uma pandemia. No centro do caos, uma performance-fílmica em memória das vítimas da pandemia do novo Coronavírus insurreciona junto aos movimentos dos transeuntes da cidade. Um cortejo de 120 carros, em marcha à ré, acompanha os carros da funerária.

¹ Marcha à ré é um filme-performance que está sendo produzido pelo Teatro da Vertigem em colaboração com Nuno Ramos, comissionada pela Bienal de Berlim e filmagem de Erik Rocha. Instagram: @teatrodivertigem.

A performance acontece na semana em que o país atinge a trágica marca dos cem mil mortos. Numa velocidade de câmera lenta, os carros em marcha à ré seguem o ritmo da trilha sonora macabra dos monitores cardíacos e dos respiradores usados no tratamento do principal sintoma do vírus avassalador que invadiu o mundo, a marca do seu maior efeito: a falta de ar.

O ar, que já estava tóxico diante dos acontecimentos políticos, econômico e culturais desde o golpe de 2016, com o vírus, nos coloca em situação de maior sufocamento, diante do descaso, da desconsideração e da falta de limite daqueles que dizem nos governar. Uma vida em suspensão. Suspensão aqui significa a retirada do nosso contexto “normal”. Mas será que esse movimento de suspensão nos libera para criação de outros possíveis? Que possíveis?

A arte-intervenção criada em espaço público, numa avenida conhecida dos brasileiros,— e uma avenida é sempre uma fronteira, não somente no sentido de um limite que é fixo, estável, mas fronteira como lugar onde algo passa a se fazer presente —, ou seja, a performance-fílmica realiza uma torção nos modos de velar os mortos, de reverenciar aqueles que se foram.

Diferentemente do habitual, o cortejo é de carro, apontando para o cenário em que estamos — todos? — encapsulados, impedidos de sair, de relacionarmos com outros corpos para evitar a propagação do vírus. Os sons da cidade são penetrados pelos sons medonhos de respiradores e monitores cardíacos. Os guardas de trânsito, substituídos por pessoas de roupas brancas, de máscaras e escudos faciais que tinham a missão de, ao atuar, coordenar o fluxo invertido do trânsito. A anticarreata chega ao cemitério da Consolação ao som do hino nacional tocado de trás para a frente por um trompetista. Tudo isso somado retrata a distopia completa em que se tornou o país.

Mais um detalhe que cabe sublinhar: o local de saída do cortejo, em frente ao prédio da FIESP. Evidentemente há na escolha desse local uma intenção ético-política e estética de denunciar aqueles que banham suas mãos com sangue em nome de seus lucros, aqueles que, desde o começo, tem anunciado que “a economia não pode parar”. Frívolos. Eles nunca haveriam de pagar esse pato,

pois quem paga são os despossuídos, os desprivilegiados, os que não podem escolher se saem ou se ficam, os que têm sua força de trabalho espoliada mesmo diante de uma pandemia e enfrentam conduções lotadas porque diminuídas... Aqueles aos quais o contágio está liberado.

#BlackLivesMatter ou sobrevidas.

Talvez seja esse o objetivo de todo o modo de funcionamento do capitalismo em sua dobra atual: promover um encontro entre os desvalidos e a morte, fazer morrer. Ao negar a ciência, pretende-se anexar a culpa pelo que está acontecendo naqueles que lutam para diminuir o contágio, para preservar a vida daqueles que não terão leitos disponíveis.

Ao produzir esse transe na ordem lógica, levando tudo à aberração, a arte-protesto acende uma centelha que pode inspirar novos modos de reexistir nestes tempos pandêmicos, criando poros de respiração ante o sufocamento. É na beira do horror que é preciso plantar sementes, pois é a partir daí, sem esconder, que talvez possamos fazer germinar árvores frondosas.

A propósito, uma pergunta ronda este período no Brasil e consideramos importante colocá-la aqui para quem possa responder, "Presidente Jair Bolsonaro, por que sua esposa, Michelle, recebeu R\$ 89 mil de Fabrício Queiroz?"

Sobre os autores:

Sandra Kretli da Silva: Professora adjunta II do Departamento de Teorias e Práticas Educacionais na Universidade Federal do Espírito Santo; professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação (PPGMPE) da Ufes; membro dos grupos de pesquisa GECC/UFMG e do grupo Com-Versações/Ufes; pesquisadora PDJ/CNPq.

Nathan Moretto Guzzo Fernandes: Professor de Geografia SEDU/ES. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGMPE/UFES); membro do grupo Com-Versações/UFES.